

SEM FÔLE GO

Tiago
Mesquita

Num primeiro olhar, os desenhos e esculturas que Claudio Cretti mostra nesta exposição em pouco se assemelham. Os trabalhos bidimensionais têm aparência gráfica. Nelas, o pigmento é opaco e quebradiço; parece um desenho feito com a fuligem grudada nas empenas e fachadas dos prédios das grandes cidades.

As outras obras têm cara de objeto. Embora vejamos trabalhos tridimensionais com aspecto mais anônimo -- mastros de madeira apoiados em finas cunhas chamados *Varões, eles mesmos!* -- o que domina a galeria são pequenas esculturas molengas com cachimbos, canudos, apitos, funis e piteiras na ponta. Estruturas que tentam dar um papel a objetos que deixaram de ser o que eram. Nessas peças da série *Trago*, o artista liga, por meio de tubos ocos de borracha, artefatos obsoletos, relacionados ao ato de aspirar ou soprar o ar.

Boa parte desses artigos, que servem de apoio para as linhas moles que dão forma às esculturas, são artesanais, feitos por uma cultura material tradicional, associada não à indústria tecnológica, mas a manufaturas milenares. São peças de colecionador, objetos que Claudio[1] Cretti reúne há mais de vinte anos.

Parecem coisas do passado, que perderam a sua função e sua razão de ser diante da obsolescência programada do capitalismo recente. São objetos que o tempo escanteou e que agora tratam de buscar outra atividade. Ressentem-se por não serem mais lembrados, mas podem ser algo que nunca imaginaram antes.

Desse modo, tanto os desenhos como as esculturas se associam a uma ideia de resíduo. De algo que ficou para trás e procura o que fazer daí em diante. Essa aparência de parcela separada do todo esteve presente em boa parte dos trabalhos de Claudio Cretti. Não foram poucas as vezes que a obra de Cretti fez lembrar um resíduo, um pedaço cortado de um corpo, um objeto separado de outro de maneira violenta.

Nos seus melhores relevos do começo da década de 1990, os recortes de fibra de vidro eram superfícies coloridas rasgadas, esburacadas e irregulares. Essas peças só conquistavam sua autonomia e individualidade às custas de abandonar qualquer aparência homogênea, retangular e pacificada. O esforço de se distinguir das outras coisas do mundo, de se fazer obra, era violento. Ele deixava feridas permanentes na pele dos trabalhos que nunca cicatrizariam.

Várias das esculturas em pedra do artista também parecia lidar com esse esforço da forma se desprender de matéria mais íntegra. Não por acaso, muitas vezes, como na série *Céu tombado* (2003), o artista contrapunha os volumes mais polidos às rochas brutas de onde, supostamente, haviam sido entalhados.

Além de um jogo erótico de encaixes entre objetos côncavos e convexos, a composição parece se esforçar para mostrar objetos mais singulares que se soltam de matéria mais informe e irregular. Essa cara de fragmento nos faz ver a escultura como um restolho, um resíduo.

O volume parece tentar se livrar de uma natureza que o faz menos que nada. Mas o esforço não é fácil. Assim, ele só é perceptível quando colocada ao lado do que já foi. A forma que conseguimos identificar é o que se livrou de toda a aparência mais brutal e, de maneira dolorida, conquistou alguma individualidade.

Bem, são trabalhos de mais de dez anos atrás. Muita coisa aconteceu desde então. Aliás, a produção de Claudio Cretti até aqui passou a se utilizar desses fragmentos meio soltos para compor uma grande variedade de formas.

Muitas vezes, o trabalho ecoa convenções da tradição. Embora sejam sempre abstratos, podemos pensar a horizontalidade de alguns desenhos, como os apresentados aqui, como um resquício das formas mais tradicionais de se fazer paisagem ou marinha. As pequenas esculturas da exposição, por mais exóticas que aparentem ser, nos fazem lembrar as formas e as poses da estatuária tradicional ou os bichos da melhor escultura popular feita no Brasil.

Acredito, inclusive, que as poses da série *Trago* continuem questões iniciadas em esculturas feitas com cilindros de mármore e granito de 2011. Nessa época, o artista se aproveitou de alguns fragmentos para criar peças finas e verticais. Unia esses cilindros por conexões de encanamento que atribuíam a cada uma daquelas varetas o aspecto de parte de um corpo. De pé ou deitadas, aquelas peças assumiam poses rijas, eretas, tal os heróis que vencem ou são vencidos na estatuária helênica.

Ali, os fragmentos sem sentido pareciam encenar algum feito, por mais patético que ele fosse. As partes tratavam de assumir poses.

Hoje, elas parecem perder a pose. As esculturas de borracha são abstratas. Mesmo assim, parecem corpos que se encostam, curvam as costas, como se saíssem da postura que lhes dava sentido e tentassem relaxar. Os cachimbos, os apitos mal conseguem fazer aquelas borrachas ficarem de pé. Aliás, a primeira dúvida que tive ao conhecer esses trabalhos foi como mantê-los sobre a base.

O curioso é que o apoio é dado por objetos que perderam o uso. Peças que se parecem com o sujeito que não aceita ter perdido o emprego e vaga pelas ruas a fingir que faz alguma coisa. A forma também tem algo de alguém que perdeu a função. Parece viver a tragédia de uma sociedade que não é assimilada pelas exigências do capital, da disciplina. Não por acaso os trabalhos, sejam desenhos, sejam tridimensionais, estejam associados ao fôlego, ao ar que se queima e se faz fuligem, ao ar que vai embora de um corpo e o deixa arfante.

São corpos combalidos, cansados e amolecidos. Por vezes, são engraçados, como se a felicidade, mesmo que passageira, aparecesse nesses momentos em que se precisa inventar o que fazer.

Como um Macunaíma, essas esculturas têm a graça e a desgraça de quem a nossa época recusou. Gente que não cabe nos esquemas violentos da assimilação capitalista.

No entanto, quando olho para essas peças não penso no bordão do herói sem caráter de Mário de Andrade: "Ai que preguiça". O seu tom é mais do enfado de quem tenta de tudo e vê a vida lhe recusar todos os recursos. Aqueles objetos deixam de ser cachimbos para falharem de novo como pés, apoios, cabeças e tudo o mais. No dia seguinte, eles acordam cedo, procuram nos classificadores, saem à rua, se divertem e se desesperam, mas estão cientes de que não está fácil para ninguém.